

Manuais e cartilhas escolares de João Kopke para a formação do homem republicano

João Kopke's school manuals and primers to the formation of the republican citizen

Marecilda Bezerra de Araújo¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Jardim do Seridó, RN, 59343-000, Brasil

Kilza Fernanda Moreira de Viveiros²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Natal, RN, 59000-000, Brasil

Resumo: Neste artigo tecemos uma análise sobre os manuais e cartilhas escolares utilizadas na escola primária nas duas primeiras décadas do século XX. Destacamos os compêndios de João Kopke citados nos diários de classe das professoras Maria Terceira Rocha e Raimunda Rocha (1919 e 1920), Maria Helena Furtado e Rita Sampaio (1921 e 1922) do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, município de Parelhas, RN. Esta pesquisa buscou respaldo teórico em Chartier (1990), Le Goff (2013), Julia (2001), Magalhães (2004). Na pesquisa bibliográfica encontramos Panizzolo (2006), Ferreira (2018), Mortatti (2000), Ribeiro (2020). A pesquisa documental, inclui o Regimento Interno dos Grupos Escolares do RN (1914), Livro de termo de visitas da Instrução Pública e do Jornal A República, e dois diários de classe das professoras acima mencionadas. Em síntese, sublinhamos que estes manuscritos são entendidos como um conjunto de ações, ideias e atitudes, passíveis de mudança pela intervenção dos diferentes sujeitos que se colocam como uma proposta de construção de uma nova sociedade, pensada por intelectuais que acreditavam na ação firme do Estado para promover a civilização, educada pelas práticas de civismo, patriotismo, higienismo de toda a população pertencente ao espaço rural e urbano.

¹ Doutora em Educação pela UFRN. Graduada em Pedagogia, Especialista em Gestão escolar pela UFPB, Mestre em Educação pela UERN. Atua na Gestão escolar em Escola Pública da rede municipal de Jardim do Seridó/RN e coordenadora pedagógica na rede municipal de ensino município de Parelhas/RN. Pesquisa História da Educação; Políticas públicas da Educação e Escola de Educação em Tempo Integral. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7423-3056>. E-mail: marecilde@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela UFRN. É graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão; Especializada em Orientação Educacional pela Universidade do Centro-oeste do Paraná, Mestre em Pedagogia Profissional pelo ISPET-Cuba / CEFET-MA. Atua nas áreas de História da Educação Brasileira, História e política da educação Infantil, Gestão Escolar, Sistemas de Avaliação educacional e de ensino, Políticas educacionais. Educação, pobreza, direitos Humanos, acesso e permanência na escola. Gênero e educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1243-7595>. E-mail: kilza.fernanda@hotmail.com.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

Palavras-chave: manual escolar; cartilha escolar; João Kopke; grupo escolar.

Abstract: This study analyzes the school manuals and primers used in primary education at the beginning of the 20th century, focusing on the compendiums of João Kopke cited in the class journals of teachers Maria Terceira Rocha and Raimunda Rocha (1919 and 1920), as well as Maria Helena Furtado and Rita Sampaio (1921 and 1922) from the Grupo Escolar Barão do Rio Branco, located in Parelhas, RN, Brazil. The research draws on theoretical foundations from Chartier (1990), Le Goff (2013), Julia (2001), and Magalhães (2004), alongside bibliographical works by Panizzolo (2006), Ferreira (2018), Mortatti (2000), and Ribeiro (2020). Documental sources include the Internal Regulations of the Grupos Escolares of RN (1914), visitation records of public education, and the newspaper A República, as well as class journals from the aforementioned teachers. The findings underscore that these manuscripts represent a set of actions, ideas, and attitudes open to change through the interventions of various actors. They reflect an intellectual project envisioning the construction of a new society, guided by a firm state action aimed at fostering civilization through practices of civility, patriotism, and hygiene, targeting rural and urban populations alike.

Keywords: school manuals; educational primers; João Kopke; grupo escolar.

1. Introdução

Os manuais pedagógicos e as cartilhas escolares do Grupo Escolar Barão do Rio Branco passaram a ser compreendidos como instrumentos privilegiado para a formação intelectual do sujeito, transmissão de conhecimentos, instauração da ordem, de uma cultura referenciada a uma sociedade moderna. Transformado por diferentes contextos históricos e econômicos, os manuais pedagógicos e as cartilhas escolares foram se definindo como elementos propulsor de uma comunidade em transformação e ascensão. Compreender e explicar essa cultura escolar é integrá-la ao sistema educacional em que ela se organiza e estrutura contextos históricos, econômicos e sociais que transformam e modificam os modos de socialização dos sujeitos da comunidade, com suas características específicas e influências do sistema educacional nacional, regional e local.

A utilização de manuais pedagógicos e cartilhas escolares era uma característica forte na organização dos grupos no início do século XX. Tais instrumentos apresentavam contribuições para a prática pedagógica no contexto da sala de aula, ressignificando o ensino e o comprometimento dos professores com o trabalho. Portanto, voltavam-se para atender às exigências do método intuitivo,



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

favorecendo ao desempenho do aluno, incentivando-o em suas observações, experiências e participação no processo de aprendizagem.

A construção e a organização destes grupos escolares e de outros espalhados por todo o Brasil, estão diretamente vinculadas às práticas reformistas da Instrução Pública designadas pelos governos estaduais na Primeira República (1889-1930) e aos ideais republicanos de educadores, quais sejam: Francisco Rangel Pestana, Henrique Limpo de Abreu, Américo Brasiliense, Caetano de Campos, Silva Jardim, Campos Sales e João Kopke que buscavam a valorização da educação pública primária. No entanto, nem todos os grupos escolares funcionaram dentro dos moldes de escolas graduadas consideradas escolas modelares. Todos apresentavam peculiaridades regionais, envolvendo a centralidade das políticas dos governos estaduais, a participação dos municípios ou mesmo da iniciativa particular.

Os manuais e as cartilhas escolares com suas múltiplas funções (leitura, escrita, moral, civismo, higiene) traziam intencionalidades dos sujeitos autores dessas obras que em conformidade com seus ideais e da sociedade a que pertenciam modelavam o novo homem necessário a ordem republicana. Assim, questionamos: Quais as contribuições dos manuais e cartilhas escolares de João Kopke para a formação do cidadão republicano no município de Parelhas – RN?

Desse modo, analisamos o primeiro, segundo, terceiro e quarto livros de leituras Moraes e instrutivas utilizados no Grupo Escolar Barão do Rio Branco no município de Parelhas – RN, compreendendo o período de 1919 a 1922. O recorte temporal é justificado pela presença de dois diários de classe desses respectivos anos e pertencentes as professoras: Maria Terceira Rocha, Raimunda Rocha, Maria Helena Furtado e Rita Sampaio.

Desse modo, cada um dos manuscritos de João Kopke aqui analisado intervinham nas práticas, contribuindo para uma efetiva mudança no cotidiano dos grupos escolares e da sociedade. Percebemos que o conhecimento científico prioritário na escola integra o cotidiano do aluno e as relações entre o conteúdo ensinado, provocando mudanças em sua percepção de mundo, a ponto de criar no aprendiz a consciência da necessidade de transformação no seu entorno, como também determinando os costumes, hábitos, valores e comportamentos modificados e reconfigurados pelo tempo e espaços.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

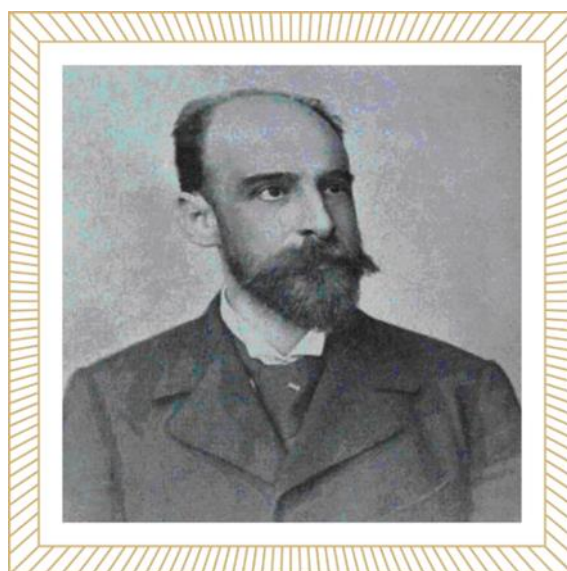
2. João Kopke: um intelectual no contexto das práticas pedagógicas do Grupo Escolar Barão do Rio Branco

É possível pensar em João Kopke como um intelectual que apesar de pertencer a um grupo social de classe superior, comprometia-se com a instrução pública, propondo debates diante de suas descobertas para ensinar a ler e escrever. Assim, tornou-se um mediador cultural pelo pioneirismo na divulgação de modernas ideias e práticas pedagógicas (Mortatti, 2000).

João Kopke nasceu em 27 de novembro de 1852, em Petrópolis (RJ), e faleceu em 28 de julho de 1926, na cidade do Rio de Janeiro. Era filho de dona Felisbella Candida de Vasconcellos e do bacharel em Direito Henrique Kopke, ambos Portugueses que receberam naturalização brasileira em 1845 pelo Decreto nº 332 de 05 de fevereiro.

A família Kopke compunha a elite imperial do Brasil. Henrique Kopke, ex-soldado da rainha do batalhão de Portugal, advogado e professor juntamente com seu irmão Guilherme Kopke, abriram um colégio aqui no Brasil denominado Colégio Kopke, ou Colégio de Petrópolis, para atender aos jovens da elite imperial brasileira. Foi neste colégio que João Kopke ingressou nos seus estudos aos 7 anos, permanecendo até os 14 anos, idade limite para estar no educandário.

FIGURA 1: Imagem do Professor João Kopke



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023)



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

Sua formação secundária se deu no colégio São Pedro de Alcântara, na cidade do Rio de Janeiro. Iniciou seus estudos superiores na Faculdade de Direito de Recife (PE) e, em 1871, mudou-se para a capital paulista, dando continuidade a seus estudos na Faculdade de Direito de São Paulo, na efervescência da Academia de Direito que consolidou suas ideias republicanas na amizade sólida e duradoura com Francisco Rangel Pestana.

De acordo com Panizzolo (2006), João Kopke manteve vínculos de amizade, convívio profissional, com outros republicanos paulistas, como Antônio Caetano de Campos, Elias Fausto Pacheco Jordão, Américo Brasiliense, Henrique de Barcellos, entre outros. Casou-se com dona Maria Isabel de Lima e, para sustentar a família e prosseguir nos estudos, passou a ministrar lições particulares e a lecionar em cursos preparatórios. Bacharelou-se em Ciências Sociais e Jurídicas em 1875.

De acordo com Ferreira (2018), em 1880, João Kopke mudou-se para a cidade de Campinas onde passou a lecionar no Collegio Culto á Sciencia caracterizado pela adesão ao ideário republicano, a convite do diretor Alfredo Campos da Paz, tornando-se o responsável pelo gabinete de Física. Nessa cidade, João Kopke também ministrou lições particulares e lecionou no Colégio Florence destinado à educação feminina, fundado, em 1863, pela educadora alemã Carolina Krug Florence.

Em 1883, João Kopke foi aprovado no concurso e nomeado a professor de História e Geografia no curso preparatório da Faculdade de Direito de São Paulo. Um ano depois, retorna a São Paulo e juntamente com Antonio da Silva Jardim, fundam a Escola Primária Neutralidade com orientação positivista. Em seu corpo docente, estavam os professores Francisco Rangle Pestana e Antonio Caetano de Campos. Em 1886, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro e fundou o Instituto Henrique Kopke, homenageando seu pai. Adotou o mesmo modelo de ensino da Escola Primária Neutralidade de São Paulo.

João Kopke ainda estudante da Academia de Direito, em 1874, publicou sua primeira cartilha escolar “O Método rápido para aprender a ler” pela editora Lalmment. A cartilha era organizada pela denominação das letras e silabação. Primeiramente, destinou-se ao uso exclusivo dos alunos da Escola Americana em São Paulo. No ano seguinte, o autor solicitou ao inspetor geral da instrução pública para que a cartilha fosse utilizada nas escolas públicas, tendo seu pedido negado. Só a partir



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

de 1879, a cartilha passou a ser utilizada nas escolas primárias com uma nova edição, dessa vez pela editora Garroux.

O Brasil vivia o contexto político do Segundo Reinado por meio do golpe da Maioridade marcado por inúmeras transformações. Nesse período, o Governo Imperial entra em declínio (1865) e ascende a atuação dos dois partidos: Conservador e Liberal. A disputa pelo poder realizada por conservadores e liberais era intensa e tinha impactos negativos para a política brasileira, pois gerava muita instabilidade.

De acordo com Panizzolo (2006), o Brasil entrava na crise da economia mercantil-escravista e a substituição do trabalhador escravo pelo trabalho livre. A decadência das lavouras tradicionais e o desenvolvimento paralelo do café, durante a segunda metade do século XIX, deslocam a primazia econômica do país do Nordeste para o Centro-Sul. O Oeste Paulista, região mais recente das plantações, começa a substituir em importância o Vale do Paraíba, região ocupada na primeira fase da expansão cafeeira, agora em decadência, entre outros motivos, pela diminuição da oferta de mão de obra e pelo uso impróprio do solo.

Corroborando com Ferreira (2018), João Kopke tinha sua proposta pedagógica firmada no método intuitivo, científico, seriado, simultâneo e leigo. Aderiu ao método analítico, no final do século XIX, elaborando cartilhas, defendendo a ideia de que o ensino da leitura deveria partir do todo. Esse processo era o mesmo desenvolvido pelo método intuitivo, em que o conhecimento partia dos aspectos simples para o complexo, do concreto para o abstrato, do observável, das coisas que circundavam a vida da criança. Ademais, apresenta uma variedade de leituras lúdicas com base nos exemplos do cotidiano da criança e conteúdos moralizantes. Esperava-se que os alunos pudessem apreender na escola e praticar em casa virtudes a exemplo de honestidade, perseverança, mansidão, paciência, obediência, lealdade.

As pesquisas de Panizzolo (2006) mostram que João Kopke abandona o método da silabação e passa a mostrar um novo método para o ensino da leitura e da escrita em conferências: “O Método Analítico”, o qual ensina a palavra graficamente sem a necessidade de decompô-la em sílabas, letras ou mesmo fonemas e grafemas, ou seja, consistia na palavração partindo da elaboração coletiva do texto. Nesse sentido, Kopke (1896) afirma que para ler é importante conhecer as letras e seus respectivos sons, mas o que habilita a ler é a “consciência do grupo”. Para o autor, é preciso conhecer



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

os grupos de letras em uma ordem determinada, exprimindo ideias ou funções entendidas ou conhecidas.

Convicto de suas proposições, João Kopke continuou atuando e defendendo o método analítico apropriado ao ensino da leitura e escrita para as crianças e o Ensino Primário. Apesar das acirradas polêmicas acerca do melhor e mais eficiente método para o ensino da leitura em que se envolveu, tanto no campo pedagógico como político, seus argumentos expressados em debates, conferências, artigos publicados em periódicos, e produção de livros escolares exerceram significativa influência sobre educadores de sua época e de décadas posteriores, tornando-se forte referência para a educação brasileira.

O modo como os livros de João Kopke, ao longo de sua história, foi se estruturando e se organizando tem reforçado as influências geradoras de adaptação, transformação e dominação diante do contexto social, político e econômico em que se configurou como instrumento das práticas no cotidiano dos grupos escolares.

As pesquisas de Mortatti (2000), Panizzolo (2006), Ribeiro (2020), e Santos (2013) apresentam um conjunto de referências bibliográficas sobre João Kopke, no período de 1874 a 1945, tecendo diferenças entre João Kopke e outros autores de manuais para leitura e escrita que utilizavam o método analítico. O primeiro, segundo, terceiro e quarto livros de leituras Moraes e instructivas, o livro de Hilda, cartilha Methodo rápido para aprender a ler sem soletrar são exemplos dos livros de João Kopke que ganharam popularidade entre as autoridades escolares paulistas, provocando polêmicas entre autores e defensores do método analítico de leitura.

Assim, os manuais e as cartilhas também provocaram mudanças nas diferentes formas de ensinar e aprender. Por meio deles, os professores colocavam em prática as normatizações legais, usando de suas inferências no desejo de promover uma cultura própria de cada sala de aula, de cada grupo.

De acordo com Choppin (2002, p. 16), os manuais escolares eram:

[...] os utilitários da sala de aula: eles são concebidos na intenção, mais ou menos explícita ou manifesta segundo as épocas, de servir de suporte escrito ao ensino de uma disciplina no seio de uma instituição escolar. Se, até os meados do século XIX, esse papel não está sempre claramente formulado, principalmente no ensino primário, ele se torna em seguida mais passível de ser determinado com a criação progressiva de estruturas educativas estáveis, uniformes e cada vez



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

mais diversificadas: o manual e as publicações que gravitam em torno dele (livros ou guias para o professor, antologias de documentos, cadernos ou fichários de exercícios, léxicos, antologias de atividades) se destinam sempre a uma disciplina, a um nível, a uma série ou a um grau e se referem a um programa preciso.

A partir da criação dos grupos escolares, as instituições educacionais mudaram suas práticas com a utilização de manuais pedagógicos e cartilhas escolares, os quais traziam um modo específico de pensar e de compreender a formação do sujeito, sob a ótica da tutela e do controle por parte das instituições. Como afirma Frago (1995), tais instrumentos impunham comportamentos e modos de agir a cada sujeito. Por meio dos manuais, os republicanos procuravam construir uma nação educada e letrada, alicerçada em princípios cívicos e morais.

De acordo com o *Programa de Ensino* (1914), os manuais pedagógicos e as cartilhas escolares utilizadas nos grupos escolares deveriam conter, preferencialmente, gravuras que facilitassem a aplicação das lições de coisas, além de abordar temas relacionados à natureza — especialmente à fauna e à flora brasileiras — ou a aspectos agrícolas.

Chartier (1990) confere aos livros didáticos o status de *livro dos livros*, sendo estes considerados caminhos para o progresso da escolarização e da civilização, uma vez que os manuais traziam o conhecimento, suprimindo as práticas empíricas e os saberes transmitidos apenas pela tradição oral. Para o autor, faz-se necessário compreender as apropriações do texto em toda a sua complexidade — editor, autor, conteúdo textual, material gráfico —, ou seja, as inferências do texto sobre o leitor que está sendo formado. Assim, o manual pedagógico, a cartilha ou o livro escolar passaram a influenciar o modo de ensinar e aprender, no qual os professores deveriam aproveitar ao máximo o tempo, racionalizá-lo e torná-lo útil. Todas as atividades eram cronometradas e planejadas dentro do espaço-tempo de cada disciplina, a fim de garantir a qualidade do método de ensino intuitivo — ou das lições de coisas —, fundamentado na instrução do olhar: ver, observar, interpretar, como preconizado nas escolas primárias.

3. As contribuições dos livros de João Kopke para a formação moral e cívica do homem republicano



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

Pensar a modernidade é compreender o homem enquanto sujeito histórico, sempre em processo de transformação, que, em relação a outras culturas, modifica sua mentalidade tecnicista e seus costumes para atender às próprias necessidades de forma inovadora. Nesse sentido, Le Goff (2013) enfatiza que diferentes situações conflituosas — como a queda do Império Romano e a Revolução Industrial — apresentaram ao homem a ideia de ser moderno, destacando o aspecto racional do novo mundo. Colocaram-se em evidência a crescente mecanização da indústria, o consumismo, a secularização da família, a ascensão do capitalismo, bem como o surgimento da cultura e da comunicação de massas (rádio, TV, internet), da técnica e da industrialização.

Para compreender essa modernidade pedagógica, é necessário entender que a modernidade também se definiu pela cultura da vida cotidiana — ou seja, pela cultura de massas (Le Goff, 2013). É com foco específico nessa cultura que as ideias republicanas, disseminadas pela modernidade pedagógica, chegaram aos bancos escolares, acelerando a difusão do modelo de homem que se pretendia formar para o mundo do progresso, do desenvolvimento social e do crescimento intelectual.

Portanto, Chartier (1990) abriu a possibilidade de pensar a cultura histórica para além dos quadros da historiografia tradicional, incorporando as práticas educativas. A referência ao conceito de representação deve-se à sua capacidade de permitir a visualização das práticas culturais, incluindo as lições educativas presentes nos manuais de João Kopke, utilizados no GEBRB.

Reconhecer uma identidade social de uma maneira própria de estar no mundo, significa simbolicamente um estatuto e uma posição. Assim as formas institucionais e objetivadas graças às quais uns representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da escola e da comunidade (Chartier, 1990, p. 23).

Para o referido autor, pensar — ou representar — o mundo social é compreender que a história, produzida pelos indivíduos nas diferentes épocas da sociedade, se constrói por meio das práticas. Na implantação dos grupos escolares, o método, o programa de ensino e os manuais escolares estabeleciam uma relação direta com as disciplinas e seus conteúdos — lições, exercícios, festas cívicas, cartilhas, diários de classe — que circulavam no espaço escolar, determinando o que era necessário ensinar e aprender.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

Desse modo, o método intuitivo introduziu uma nova cultura escolar propícia à promoção e à transformação social, mediante a incorporação de novas ideias e comportamentos por parte dos sujeitos. Nesse sentido, Julia (2001, p. 23) afirma: “Não se trata somente de alfabetizar, trata-se de forjar uma nova consciência cívica por meio da cultura nacional e por meio da inculcação de saberes associados à noção de progresso”. Eram essas as ideias trazidas pelas luzes das ciências, que provocavam a redefinição das finalidades da escola quanto ao ensino e à aprendizagem, à sua obrigatoriedade, à melhor organização das instituições de ensino e ao papel do Estado na oferta e garantia dos níveis de escolarização.

Os Diários de Classe das professoras Maria Terceira Rocha, Raymunda Rocha, Maria Helena Furtado e Rita Sampaio (1919 a 1922) revelam a aplicação do método do Ensino Intuitivo — proposta pedagógica dos republicanos — com o objetivo de racionalizar o tempo escolar, disciplinar corpos e mentes, e organizar, de maneira sistemática, o ensino e a aprendizagem dos alunos. O processo educativo ocorria por meio da educação dos sentidos e da observação direta de objetos e elementos da natureza, muitas vezes realizada através de passeios escolares.

Em conformidade com a Lei n. 405 de 29 de novembro de 1916 que prescrevia:

O diário de classe, criado em cada grupo ou escola isolada, para o fim de facilitar a fiscalização e inspecção escolar, é um livro obrigatório, aberto, numerado e rubricado pelo diretor geral da Instrução Pública. Nele, o professor registrará o resumo dos trabalhos do dia seguinte, com a indicação das lições, exercícios e deveres (Rio Grande do Norte, 1916, p. 102).

A primeira folha continha um termo de abertura feito pelo Diretor da Instrução Pública, indicando o número de páginas correspondentes e seu objetivo. Havia espaço destinado ao registro dos conteúdos, local e data, descritos por disciplina. O diário era preenchido de forma manuscrita pelo professor. Os conteúdos trabalhados em cada disciplina eram registrados no item denominado “ponto a tratar”. Os Diários de Classe destinavam-se ao registro dos horários de cada matéria, dos conteúdos e das demonstrações de como o ensino deveria ocorrer.

Nessa perspectiva, Silva (2013, p. 98) salienta: “Os Diários de Classe expressam as peculiaridades da sala de aula, visto que registram as atividades desenvolvidas pelos professores e alunos, conteúdos e métodos empregados, bem como os manuais escolares adotados”.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

**QUADRO 1: Registro do diário de classe da Escola Isolada Masculina do Grupo Escolar Barão
do Rio Branco: 1ª e 2ª sessão**

Horário	Matéria	Ponto a tartar	Demonstrações
8h25 às 8h5	Leituras Escrita	1ª sessão: pag. 36 e 37 da cartilha de Arnaldo Barreto 2ª sessão: O bom aluno não conversa na classe.	-
8h5 às 8h45	Leituras Escrita	1ª sessão: uma frase do livro de Arnaldo Barreto 2ª sessão: pag. 106 a 108 do 1º livro de João de Hopke.	-
8h45 às 9h	Moral	1ª e 2ª sessão: verdade e mentira.	-
9h às 9h10	Exercícios físicos	1ª e 2ª sessão: Marcha.	-
9h10 às 9h30	Cálculo	1º tabuada de somar com tornos 2º leitura de tabuada nº 5.	-
9h30 às 9h45	Desenho	1ª e 2ª sessão: um desenho do natural.	-
9h45 às 10h	Língua materna	1ª e 2ª sessão: Conto de Trancoso	-

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022)

O diário de classe se constituiu como testemunho das cartilhas e manuais escolares apresentando as práticas vivenciadas no cotidiano do GEBRB, mediante o conjunto de regras para com as disciplinas, conteúdos e horários.

Para atuar nos grupos escolares, os professores eram preparados para o exercício da docência pelas escolas normais, que ofereciam cursos públicos de nível secundário com o objetivo de formar o quadro docente para as escolas primárias. Esses cursos utilizavam conteúdos curriculares que enfatizavam a prática pedagógica nas escolas-modelo anexas, além de introduzirem novos métodos e programas de ensino, desencadeando, assim, o processo de profissionalização do magistério em todo o país.

De acordo com Moraes e Silva (2009, p. 272), “a Escola Normal de Natal, criada em 13 de maio de 1908, tinha como objetivo preparar os professores e aperfeiçoar a Escola Primária do estado”. A formação da primeira turma ocorreu em 4 de dezembro de 1910, diplomando-se nela sete



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

professores e vinte professoras. A partir de então, os docentes estavam habilitados a lecionar nos cursos primários, públicos e privados, mas precisavam ser aprovados em exames que abordavam os principais aspectos da prática voltada à Instrução Primária. Um conjunto de atividades compunha essa avaliação, entre elas: uma prova escrita com a descrição de um passeio escolar; a apreciação de uma Festa da Árvore e de uma festa nacional realizada na escola, cujo tema deveria versar sobre a influência da educação na formação do caráter nacional.

O Ensino Normal era ministrado em três anos, passando a ter quatro anos a partir de 1910. Nos dois primeiros anos, as normalistas se apropriavam de conhecimentos por meio das seguintes disciplinas: Português, Francês, Aritmética, Noções de Geometria Teórica e Prática, Geografia Geral e Particular do Brasil, História Geral e Particular do Brasil, Educação Moral e Cívica, Noções de Física e Química aplicadas à vida prática, e História Natural aplicada à agricultura e à criação de animais. As disciplinas que compunham os dois últimos anos eram: Pedagogia, História da Educação, Economia e Leis Escolares, Higiene Escolar, Desenho, Princípios de Música e Cantos Escolares, Trabalhos Manuais, Economia e Artes Domésticas (voltadas ao sexo feminino), Educação Física e Exercícios Infantis. As aulas práticas eram desenvolvidas no Grupo Escolar Modelo Augusto Severo.

Os professores diplomados recebiam incentivo do Estado por meio do *Livro de Honra*. Observa-se que os nomes das professoras Maria Terceira Rocha e Raimunda Rocha estão registrados nesse livro pelo Diretor da Instrução Pública, Dr. Manoel Dantas, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados na difusão e no aperfeiçoamento do ensino no grupo escolar:

Maria Terceira Rocha da escola isolada masculina do grupo escolar Barão do Rio Branco por ter instalado a sua escola no alto sertão, em um tempo de seca, sem dar um só dia de falta, capitando as simpatias da população, lecionando a 52 alunos, ministrando o ensino de leitura pelo método analítico sintético, com aproveitamento verificado pelo Inspetor de Ensino Gonzaga Galvão, apesar de dispor de reduzido material pedagógico (Rio Grande do Norte, 1920, p. 45).

O *Livro de Honra* foi instituído pelo art. 195 da Lei Orgânica n.º 405, de 1916. Conforme Silva (2013), os professores primários que se destacavam eram homenageados com o registro de seus nomes em suas páginas. “Os mestres tinham que se distinguir pelo trabalho intelectual, pela



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

técnica escolar, bem como no cumprimento dos deveres profissionais e na dedicação à causa da instrução” (Silva, 2013, p. 85).

Seguindo na mesma ata, a redação faz referência à professora Raimunda Rocha, alterando apenas o registro da turma — feminina — com a presença de 68 alunas. Essas homenagens, considerando os modelos culturais da época e também a distância das localidades, representavam verdadeiros privilégios para os sujeitos que, no interior da escola, atraíam a atenção, a observação e, inclusive, a avaliação de seus superiores, mediante ações que se configuravam como dispositivos de normatização, imposição e circulação dos processos internos e externos à realidade escolar.

Referenciando ainda o *Livro de Honra*, destacam-se os nomes de Maria Helena Furtado e Rita Sampaio, a respeito das quais o Dr. Manoel Dantas afirma:

Observando a vida do grupo escolar e a acção das professoras, não só no exercício de seu magistério, como na sociedade parelhense, só ouvi palavras de elevado apreço as suas qualidades morais e intelectuais. Cumpre pois, o indeclinável dever de louvar as professoras Rita Sampaio e Maria Helena Furtado Villa pela maneira porque tem sabido se conduzir nesta localidade honrando a sua classe, desempenhando sua nobre missão a contento da população executando com todo esforço, dedicação e inteligência as leis e instruções das autoridades de ensino, digo das autoridades escolares e trabalhando pelo engrandecimento da Pátria (Rio Grande do Norte, 1920, p. 49).

Nesta análise, Julia (2001) chama atenção para a profissionalização dos professores, os critérios de recrutamento desses profissionais, seus saberes, hábitos e a formação necessária ao perfil docente. Os professores recém-formados na Escola Normal de Natal e designados para a povoação de Parelhas eram, em sua maioria, naturais da própria capital ou de cidades circunvizinhas. O deslocamento para a região do Seridó, que durava em média quatro dias, apresentava diversos obstáculos, considerando a distância da capital em relação às cidades, vilas e povoações do interior. As ferrovias mais próximas à região do Seridó localizavam-se nas cidades de Lajes e/ou Campina Grande, na Paraíba. O restante do percurso era feito em carros de boi ou a cavalo, em razão da escassez de automóveis na região e da precariedade das estradas.

Nossa análise discorre sobre o primeiro, segundo, terceiro e quarto livros de leituras Moraes e instructivas, encontrados pela pesquisadora na Biblioteca Nacional de Maestras e Maestros na Espanha. Os compêndios didáticos faziam parte do curso sistemático da língua materna, criado pelo



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

autor em 1884, por isso recebe o nome da coleção “João Kopke”, alterada para a denominação Série Rangel Pestana (1890) organizado em seis livros.

Partimos da observação no que toca à organização técnica das partes que compõem as obras e sua linguagem editorial, a saber: elementos pré-textuais, capa, folha de rosto (anverso e verso), apresentação e prefácio. A capa e a folha de rosto evidenciam informações quanto ao local de publicação, edição e ano, bem como são apresentados dados sobre o prefácio. Dos elementos textuais (corpo do livro), observamos o número de páginas, disposição e forma dos conteúdos.

Identificamos a organização no primeiro, segundo, terceiro e quarto livro, com a seguinte estrutura: índice com as leituras em diferentes temas, natureza, animais, história, conselhos de bom comportamento, família, amizade, entre outros. Em seguida, o manual apresenta o vocabulário dividido por cada lição.

As leituras estavam escritas em prosas e versos. Para as primeiras séries, as leituras dialogadas com as gravuras eram curtas, começando a formar a curiosidade do aluno para o que estava escrito. Aumentavam sua complexidade e tamanhos mediante as séries graduadas. Com um vocabulário mais extenso, tal prática de linguagem introduzia um projeto cultural através de conteúdos ideológicos como dignidade, obediência, paciência, caridade, entre outros aspectos considerados essenciais a vivência das crianças e jovens, ampliando, dessa maneira, o seu desenvolvimento social.

A proposta do vocabulário oferece a oportunidade ao aluno dele se apoderar de uma linguagem rebuscada no domínio lexical e conceitual das palavras. O aluno pode organizar e sistematizar a combinação de fonemas, fonema-grafema e elaborar inferências complexas, estabelecendo relações contextuais advindas da familiaridade de seu processo de alfabetização.

Na contracapa, encontramos uma observação sobre a revisão ortográfica fundamental ao processo de formação do leitor que está nos quatro livros de leituras Moraes e instructivas, de João Kopke.

João Kopke provoca os professores e pesquisadores a refletirem sobre o método analítico apresentado por ele como o mais adequado para ensinar a ler e escrever. Através de suas conferências, o autor procurava demonstrar que a consciência fonológica é a capacidade de ouvir e



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

reconhecer, e que as palavras faladas são compostas de pedaços menores de som, como sílabas, aliteração (som inicial), rima (o pedaço final combinado de uma palavra) e fonemas.

O ponto de partida para o ensino da leitura deve ser o TODO. Este TODO, mais do que a SENTENÇA, é a fala, a descrição, a narração, o DISCURSO, que a instruiu na língua em que entende e se faz entendida, e que, sob a forma de conto ou história escrita, se há de traduzir a seus olhos, dando-lhe o segredo da representação gráfica, em que entenda e se faça entendida. Analítico, pois, será forçosamente o método desde que o TODO há de ser o ponto de partida, qualquer que seja o aprendiz; os processos, que todavia, puser em jogo, esses hão de combinar-se de modo a que olho, ouvido, boca e mão se exerçam conjuntamente em colaboração mútua para a conquista da perfeição automática, mercê da qual a fala escrita se faz para a inteligência, através da visão e da mão, o que para ela é a fala oral, através da audição e da boca (Kopke, 1916, p. 160).

Suas proposições pedagógicas baseavam-se em três pilares: Aprendizagem significativa — O ensino da leitura não deveria ocorrer por meio de repetições mecânicas de sílabas descontextualizadas, mas sim por meio de palavras e frases com sentido, relacionadas ao universo do aluno. Afetividade no processo de aprendizagem — Kopke via o ensino da leitura como uma experiência que deveria envolver emocionalmente o aluno. Isso só seria possível se o conteúdo fosse interessante e próximo da vivência infantil. A psicologia infantil como base do método — Influenciado pelas ideias de Pestalozzi e, posteriormente, por correntes da psicologia moderna, Kopke acreditava que a leitura deveria seguir o processo natural de apreensão do mundo pela criança, que começa pelos significados globais e só depois se volta à análise das partes.

Kopke criticava o método sintético por diversos motivos: Mecanização do ensino — Considerava o método sintético excessivamente técnico e desumanizado, transformando a leitura em uma atividade árida e desprovida de prazer. Desmotivação dos alunos — A repetição de sílabas sem sentido afastava os estudantes do verdadeiro prazer da leitura e dificultava o desenvolvimento de um vínculo afetivo com o texto. Ruptura com o real — Para Kopke, o método sintético representava uma forma artificial de aprender a linguagem, desconectada da maneira como ela é utilizada no cotidiano.

Para aprender a ler e escrever a criança precisa ouvir e identificar os sons das palavras faladas. Quando as crianças conseguem associar a letra ao som, começam a reconhecer padrões de



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

sons de letras como padrões, combinando-as com palavras cujos significados já conhecem. Desse modo, formam a consciência fonológica, cujo processo a criança aprende os sons das palavras e letras, tornando-se assim uma habilidade fundamental ao aprendizado da leitura.

O primeiro livro de Moraes e Instructivas, de João Kopke tem 168 páginas com 67 lições distribuídas em 55 prosas e 12 poesias. O segundo livro tem 232 páginas com 81 lições, sendo 62 prosas, 15 poesias, 03 adivinhações e 01 jogral. No terceiro livro, encontramos 222 páginas com 64 lições acordadas em 48 prosas e 16 poesias. Os textos em prosas são enumerados na frente de cada parágrafo. O quarto livro de Moraes e Instructivas é composto por 351 páginas com 61 lições em versos e prosas extraídos de autores brasileiros e portugueses. De acordo com Panizollo (2006), todas as leituras são de autoria de João Kopke. Os quatro livros apresentam o catálogo da Livraria Francisco Alves.

O primeiro, segundo, terceiro e quartos livros de Moraes e Instructivas, de João Kopke, a julgar os conteúdos disponibilizados, estão em conformidade com o Regimento Interno dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas do Rio Grande do Norte de 1914, contemplando as disciplinas de leituras, noções de Geografia e História, Moral e Civismo, trabalhos manuais, lições de coisas e economia doméstica. O autor trazia a interdisciplinaridade por meio de cada leitura, ou seja, cada lição apresentava possibilidades de o professor trabalhar conteúdos de várias disciplinas. Por exemplo: A 10ª lição do segundo livro, O raio do sol, um poema que aborda a primavera, os pássaros, a identidade (se eu fosse um raio de sol), moradia (nas choupanas) e sentimentos (acalmaria o coração, satisfação). O autor por meio das lições fomentava a habilidade intelectual e despertava os estados afetivos do leitor.

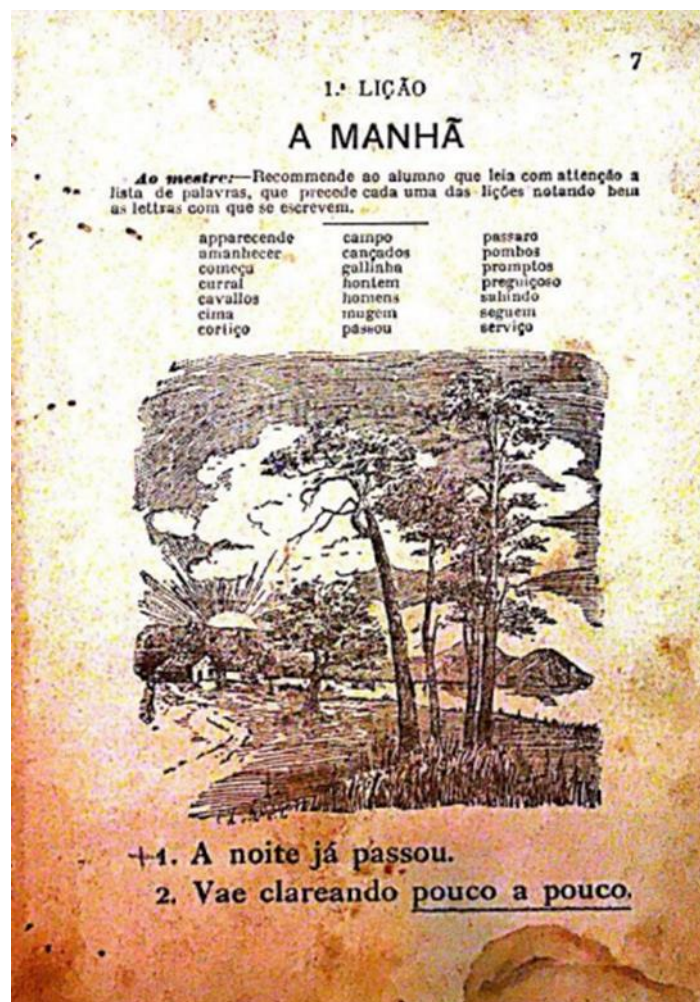


Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>
<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

FIGURA 2: 1ª lição do primeiro livro de Leituras Moraes e Instructivas, 1918



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023)



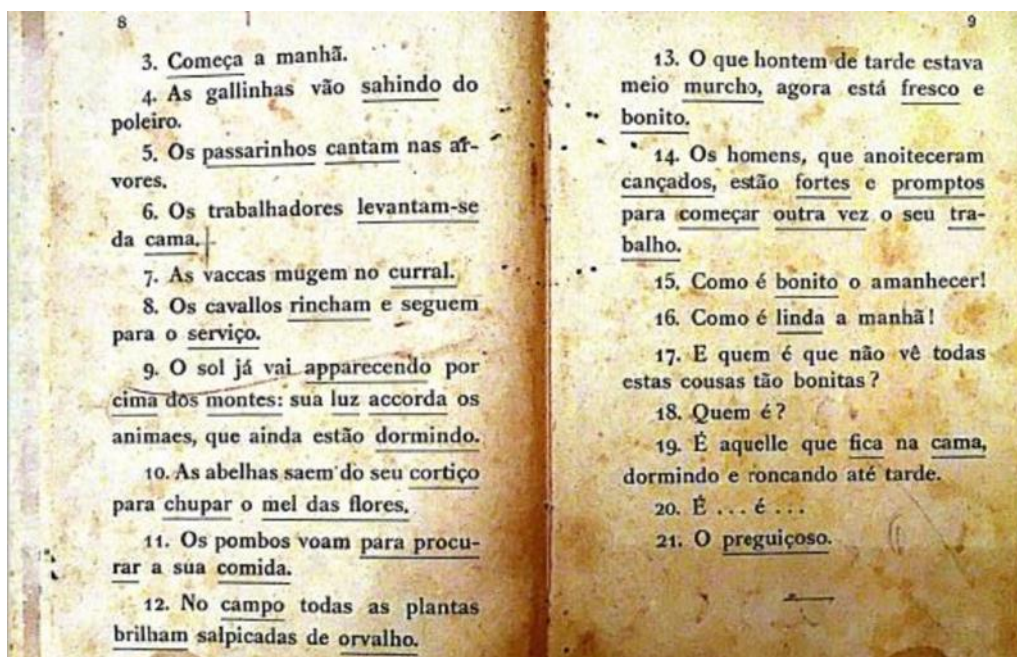
Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

FIGURA 3: Continuação do texto "A manhã"



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023)

A lição provoca o leitor para vários conteúdos da geografia, ciências e moral. O amanhecer se torna para o autor a possibilidade de renovação, esperança, um começo ou recomeço diante do que ficou do dia anterior. Tudo tem um ciclo e vai seguindo o fluxo. Destacamos a frase 9 em que o sol nasce sempre todas as manhãs; as frases 6 e 11 se alinham de modo que os seres levantam e procuram seu alimento pelo trabalho. Nas entrelinhas do texto, o autor instiga que o homem deve levantar todas as manhãs e procurar seu próprio alimento, através do trabalho, explicitando a organização de uma sociedade civilizada pelas práticas sociais, representações da ordem e progresso.

A frase 12, “todos têm a capacidade de brilhar junto com o sol”, no enumerado 13 e 14, tudo se renova, transforma-se. Assim, também é o homem, pode ser um “novo homem”, dotado de princípios, moral, capaz de atender às exigências da nova organização social, e a escola era o lugar privilegiado para esse processo de transformação. As linhas 17 a 21 fazem uma reflexão diante das virtudes que todo homem deve ter. A leitura apresenta uma cultura que vem de fora para dentro da escola, modificando os modos de pensar e de atuar que proporcionam aos sujeitos envolvidos nas práticas escolares, meios e pautas para desenvolver, tanto nas aulas como fora delas, condutas, modos de vida e de pensar, materialidade física, hábitos e ritos, Julia (2001).

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

As leituras tinham um caráter cívico-pedagógico para educar o novo homem, como afirma Koerich (2020), repassando valores morais aos pequenos integrantes das famílias burguesas por meio do ato de ler. Isso posto, as experiências escolares transbordavam os aspectos científicos, culturais e histórico do ensino, consolidando a riqueza do conhecimento que a escola produz e se expande para toda a sociedade.

As leituras propostas no primeiro livro de João Kopke (1918) seguem esta estrutura de organização: título da lição, uma recomendação ao mestre, vocabulário, gravura e a leitura que se apresentava em diferentes gêneros: adivinhações, prosa, narrativa, contos e poesia. Algumas palavras estão sublinhadas como afirma Farias (2022) “Talvez tivessem como finalidade o ensino de um conteúdo como classes de palavras, por exemplo, já que há substantivos, verbos, adjetivos e afins em destaque” (p.115). O autor tinha uma criatividade para cada lição, preocupava-se com o crescimento do vocabulário dos alunos pelo estudo da semântica e a formação do sujeito integral através das narrativas moralizantes. Quanto às ilustrações, Koerchi (2020) anuncia que “o intuito das imagens, parece realmente o de ratificação de que o texto fala pelo seu uso, além de possibilitar ao aluno ver, conhecer e descrever o objeto que está em cena no papel” (p.64).

No contexto da Primeira República, novas demandas eram postas diante da necessidade de integração do povo à nova ordem republicana. O trabalho livre, o engrandecimento da economia, a civilização de massas com a reinvenção de uma nova escola por meio do combate ao analfabetismo era temática que faziam parte do projeto de modernização propagado por intelectuais e administradores públicos da época, consolidando o novo Brasil, tão almejado pelos republicanos. Essas iniciativas evidenciam que o projeto educacional de João Kopke se centralizava no educando, que seria formado para a vida prática e para o mundo do trabalho, a partir de princípios de autonomia, autogoverno, individualidade e criatividade.

Pela leitura, podem ser explorados os conteúdos de lições de coisas prescritas no Regimento Interno (Rio Grande do Norte, 1914), entre eles, destacamos: observações sobre os animais conhecidos e sua classificação em vertebrados e invertebrados, os animais domésticos, úteis, nocivos, alimentação, o homem, o ar, agricultura; os conteúdos de Moral: obediência, respeito, cuidados com o outro, delicadeza com os irmãos, família, integrados aos de geografia acima exposto. As lições traziam várias abordagens para um mesmo assunto, desenvolvendo a capacidade analítica



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

do aluno para aquilo que poderia ser observado e estudado. Portanto, a disseminação dos manuais escolares de João Kopke nos grupos pela Instrução Pública se tornava primordial na integração dos conteúdos de cada disciplina.

Em cada uma das matérias, o programa estabelecia um direcionamento com a estrutura de conteúdos nos quais se desenvolveriam toda a natureza dos processos de ensino e aprendizagem, constituindo-se com base no que Chervel (1990, p. 28) afirma: “um conjunto complexo que não se reduz os ensinamentos explícitos e programados”. Neste aspecto, faz-se necessário considerar a ação e intencionalidade do sujeito que executa o que está programado. Para Chervel (1990), a escola fornece à sociedade uma cultura constituída de duas partes: os programas oficiais, que explicitam sua finalidade educativa, e os resultados efetivos da ação da escola, os quais, no entanto, não estão inscritos nessa finalidade.

No texto “A pesca”, a ação desenvolvida tem sempre como causa a ação dos sujeitos “Mas, como é que havemos de ter peixes para comer, se não pescando”, os quais estabelecem e conduzem, segundo suas necessidades, as práticas para sua sustentabilidade, pelo trabalho, relação social e intelectual. Percebemos então as finalidades das disciplinas que Chervel (1990) chama de educativa e instrutiva. Detentora de culturas e práticas (civismo, valores, higiene) a serem transmitidas especialmente para crianças, a instrução colocou-se como base do processo de formação para alunos, pais e toda a sociedade que deveriam assumir papéis como educadores uns dos outros.



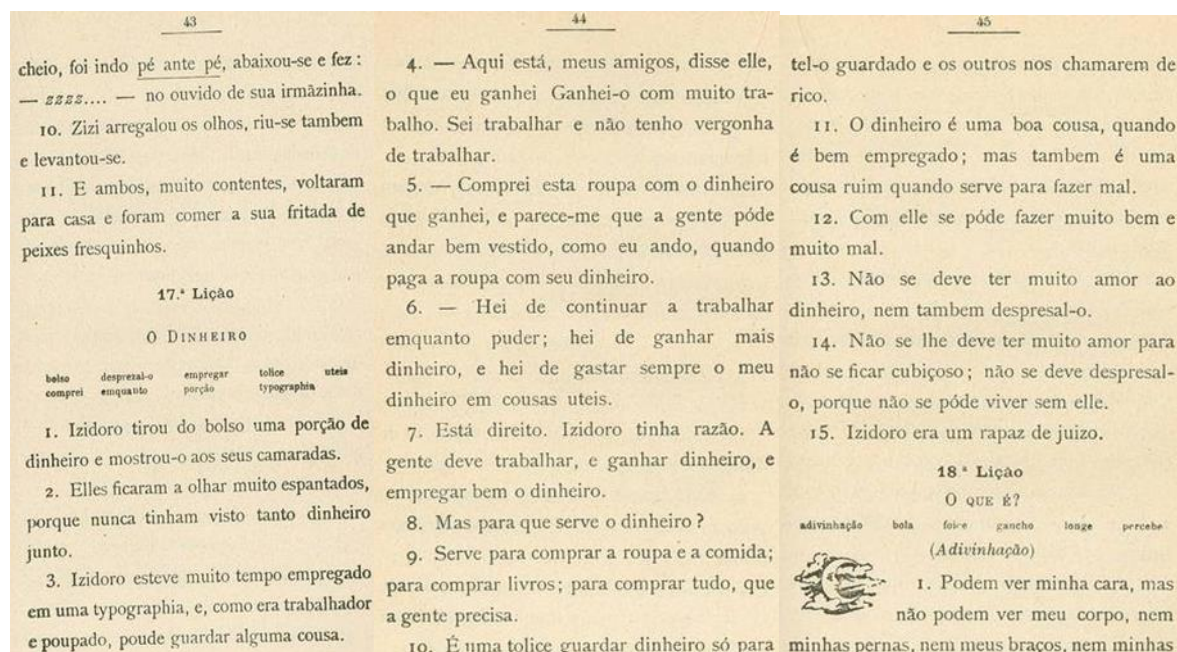
Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

FIGURA 4: Leitura das páginas 43-45 do segundo livro de leituras Moraes e Instructivas de João Kopke



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023)

Para a elite intelectual, o manual escolar era importante instrumento para transformar o sujeito em um homem melhor, regenerar o trabalhador e defender o organismo nacional. Nos quatros livros, encontramos várias lições exaltando as virtudes requeridas como pré-requisitos para o ingresso e a permanência na escola e no mercado de trabalho. Assim, são valorizadas a honestidade, a persistência, a atenção, a complacência, a paciência, a amizade e a solidariedade para com o próximo

Os textos do terceiro livro de leituras, Moraes e Instructivas, (1924) são escritos em contos, fábulas, anedotas e poesias. João Kopke se apropria de um pensamento lúdico, infantil, porém com intenções moralizantes na exaltação de determinados valores e comportamentos. As 65 lições desse manual contêm informações e conhecimentos sobre o homem e a natureza, base para a concretização de uma sociedade desenvolvida nas ideias de civilidade e progresso. No contexto de formação do homem honesto, bom e justo, destacamos as seguintes lições: 1ª lição, Precisa-se; 3ª lição, Aprendei a curvar-vos; 10ª lição, O bobo; 13ª, Um rapaz espirituoso; 19ª O exame; 21ª lição, A procura de um lugar; 27ª lição, A companhia do esforça-te; 33ª lição, O feiticeiro; 34ª lição, Uma boa máxima; 35ª lição, Dois prazeres; 39ª lição, Degraus; 45ª lição, Perseverança; 46ª lição, A viúva e o negociante;



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

50ª lição, Eu não mereço; 51ª lição, A verdadeira coragem; 53ª lição, A festa de Lucio; 66ª lição, Dois modos de contar uma história; 67ª lição, A riqueza de Mario; 69ª lição, A mais nobre das vinganças; 70ª lição, A composição de Iracema; 71ª lição, O caminho direito; 73ª lição, Saber é poder.

Morttati (2000, p. 2) expõe que “no âmbito desses ideais republicanos, saber ler e escrever se tornou instrumento privilegiado de aquisição de saber/esclarecimento e imperativo da modernização e desenvolvimento social”. Sendo assim, a intencionalidade dos diferentes sujeitos e seus feitos desenvolvidos no interior da escola provocavam relações harmoniosas ou conflitantes entre a obediência, as normas estabelecidas e os dispositivos pedagógicos instituídos e efetivados no cotidiano escolar. Com características próprias, os manais de João Kopke se configuravam como referência instrutivas na educação pública em meio as regras, ordens estabelecidas pelos novos contextos sociais.

Observamos que algumas lições possibilitavam ao professor problematizar o cotidiano dos alunos, a partir de práticas que ultrapassassem a mera transmissão do conhecimento, oportunizando-lhes ações mais dinâmicas e concretas. As lições: 4ª, A flor; a 5ª, O urangutango; 9ª, Descoberta do pacífico; 11ª, A coruja; 14ª, O mundo; 18ª, A vicunha; 23ª, A onça; 26ª, As formigas; 28ª, A fonte; 31ª, Deixa chover; 32ª, As violetas; 36ª, Ao meio dia; 37ª, Antonio Canova; 43ª, Na floresta; 49ª, O cavalo marinho; 54ª, A lontra; 59ª, Martas e Doninhas; 63ª, Jorge Stephenson; 65ª, A tempestade.

Todas essas lições proporcionavam momentos de experiências com atividades por meio dos passeios escolares realizados fora do grupo escolar aos escolares. Para Souza (1998), “as lições de coisas eram uma generalização da ciência como uma forma de mentalidade e o processo de racionalização do ensino” (p. 162), ou seja, mais que um simples método pedagógico. Fundamentava-se numa concepção de prática educativa de caráter intencional, alterando a cultura escolar diante de sua função social e dos resultados que se esperava por meio do ensino proposto.

Desse modo, as mudanças sociais, os novos costumes e o desenvolvimento urbano incumbiam à escola, o ensino pela repetição de valores morais, com ajuda dos manuais. Assim, as práticas escolares se tornavam condizentes com o momento histórico e político da época. Como podemos observar no diário de classe da professora Rita Sampaio em 02 de maio de 1921, a seguinte frase: “O aluno Obediente é estimado pelo mestre”. Isso demonstra, pois, os preceitos exigidos pelas



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

disciplinas e seus conteúdos para a formação do sujeito e as ações estabelecidas entre o método de ensino e as práticas escolares.

O quarto livro de Leituras Moraes e Instructivas de João Kopke apresenta uma lista de autores incluídos como prosadores nos textos que compõem este quarto livro: Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Alvares de Azevedo, Americo Brasiliense, Bernado Guimarães, Castelo-Branco, Castilho, Castro Alves, Eça de Queiroz, Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Machado de Assis, Pinheiro Chagas, Ramalho de Ortigão, Visconde de Porto-Seguro. De acordo com Panizollo (2006, p. 282), “o advento da República fez João Kopke, até então adepto da monarquia, substituir os heróis da monarquia pelos cidadãos valorizados da República”.

Neste quarto livro, João Kopke faz referência a alguns poetas como: Alvares de Azevedo, Bernado Guimarães, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Castilho, Gonçalves Dias, Gonçalves Crespo, Gregório de Matos, Fagundes Varela, João de Deus, Machado de Assis, Souza Viterbo. As poesias, sonetos, tornavam-se discursos que não se preocupavam em produzir problemas sociais, sensibilidade para a construção de uma nova nação, conforme a intelectualidade republicana. Pelas narrativas poéticas, expressava-se sentimentos, emoções, sensibilidade para a construção de uma nova nação.



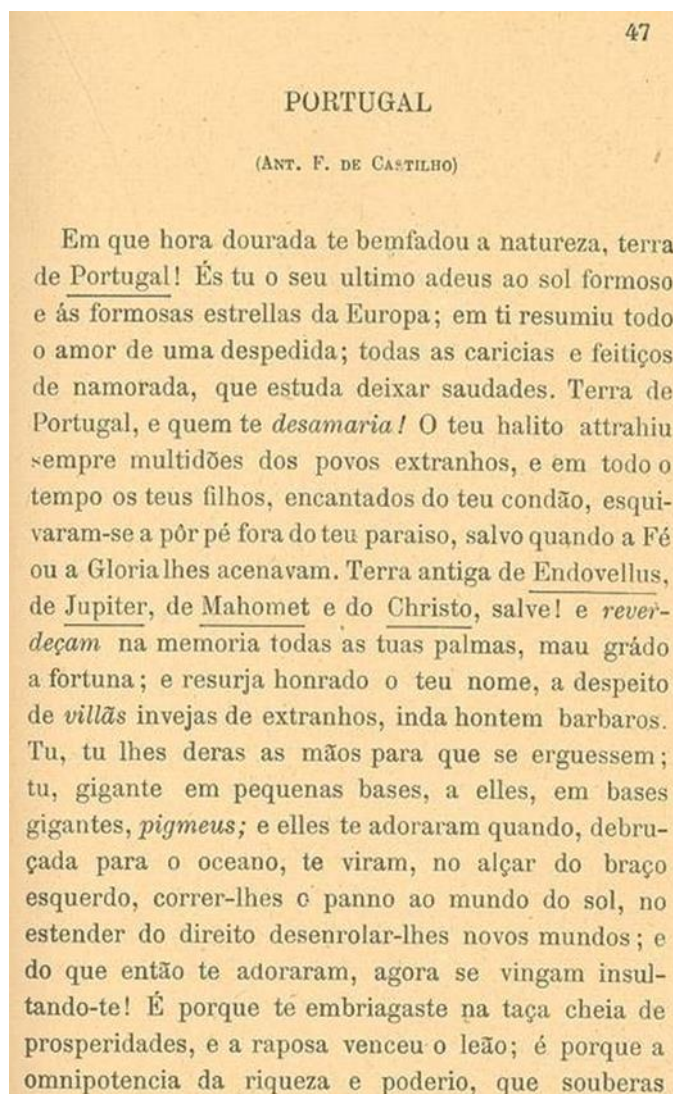
Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

FIGURA 5: Leitura da página 47 do quarto livro de Leituras, Moraes e Instructivas de João Kopke



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023)

Os textos incentivavam os escolares a criarem sentimentos patrióticos, cantando hino (nacional, da pátria, independência), fazendo referências à bandeira, enaltecendo a pátria e as riquezas do país. Fortaleciam os motivos pelos quais se devia obediência, respeito, amor que fizeram do país uma nação melhor. De acordo com Silva (2017), a pátria precisava ser amada; era importante que o povo brasileiro despertasse e manifestasse sua alegria e entusiasmo a partir das grandes comemorações que elevavam a imagem dos heróis e de seus grandes feitos.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

Em oposição ao método sintético, Kopke defendia o método analítico como mais coerente com a realidade das crianças. Valorizava o uso de histórias infantis como ponto de partida para o aprendizado da leitura, pois, além de ensinar a ler, esse recurso contribuía para a formação do gosto pela leitura. Para Kopke, a leitura deveria partir de palavras com significado no contexto da criança, como nomes de familiares, objetos da casa ou elementos do cotidiano escolar. O método analítico também favorecia uma maior integração com o ensino da escrita, da arte e da expressão oral, promovendo uma abordagem mais abrangente e sensível às experiências infantis.

As transformações ocorridas no início do século XX afetaram diretamente as diferentes esferas da vida do homem, inclusive em sua formação, apontando novas necessidades formativas para acompanhar as exigências de uma sociedade em favor da ordem e do progresso. Assim, as práticas educativas no Grupo Escolar Barão do Rio Branco podem ser caracterizadas como atividade social, experimental, interativa, centrada no aluno e nos interesses da ordem e do progresso. As práticas pedagógicas conferidas pelo método intuitivo apresentavam caráter moralizante e cívico por meio da presença de símbolos patrióticos no cotidiano da escola, comemorações festivas, leituras prescritas aos alunos, racionalização dos tempos escolares, controle mais efetivo das atividades escolares, intencionalidade e subjetividade dos professores.

4. Considerações finais

Nos textos de João Kopke, observamos que o leitor é convidado a se envolver com os aspectos linguísticos, cognitivo, social e cultural nos seus diferentes gêneros textuais, mesmo que o autor tenha como foco principal o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos pelo método analítico. Os textos apresentavam uma integração de vários conteúdos promovendo um conhecimento mais globalizado.

Compreendemos a relevância de João Kopke através do primeiro, segundo, terceiro e quarto livros de Leituras, Moraes e Instructivas, como intelectual e escritor na inovação pedagógica para o ensino da leitura e escrita seguindo o método analítico. Os textos de formação do novo homem civilizado e histórias que envolvem ficção, realidade, despertando a curiosidade e colocando-a no centro do processo de escolarização. Assim, os manuais de João Kopke foram utilizados no Grupo



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

Escolar Barão do Rio Branco como um dos principais instrumentos para atender às exigências de um novo modelo de sociedade moderna que se formava no país e na pequena de Parelhas-RN criando novas práticas pedagógicas e modificando a cultura escolar.

Dessa maneira, os sujeitos adotariam condutas livres e conscientemente de caráter histórico e social, internalizadas através dos manuscritos que ensinavam a lealdade e obediência até atingir o patriotismo tão almejado pelos intelectuais no início da Primeira República. Os manuais e as cartilhas de João Kopke tinham esse caráter patriótico fundamentando no sujeito, o pensamento ideal de uma sociedade imbuída de normas, valores a partir de suas representações individuais que se constituem em seguida nas representações sociais.

Fica claro que o primeiro, segundo, terceiro e quartos livros de Leituras, Moraes e Instructivas de João Kopke, portanto, estavam inseridos no contexto da modernidade que se pretendia para o país. Voltados para o ensino da leitura, tinham como objetivo também, repassar os princípios, valores e condutas necessários ao homem moderno. Desse modo, pelas leituras, os intelectuais pretendiam exercitar e disciplinar corpos e mentes para transformar os valores e os hábitos dos grupos sociais.

João Kopke foi responsável pela evolução do método analítico para ensinar a ler e escrever na educação brasileira, com sua proposta de ensino através dos contos e poemas concentrou sua metodologia em assuntos da realidade dos alunos e defendia que o saber e o trabalho eram ferramentas de transformação social, capaz de contribuir para a superação das desigualdades. Os livros de João Kopke não ganharam destaque apenas pelo seu processo no ensino da leitura e da escrita, mas também pela circulação das ideias morais e inserção para o mundo do trabalho, aspecto este fundamental a sociedade moderna e industrial.

Para o intelectual e escritor João Kopke, a escolarização e o trabalho eram processos fundamentais e caminhavam juntos, permitindo que as pessoas se tornassem melhores e capazes de atuar de forma mais efetiva em sua transformação e no meio em que estavam inseridas.

Referências



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FARIAS, Morgana de Medeiros. **Versos para os pequeninos, de João Köpke: um tesouro literário pouco explorado**. (Tese Doutorado) Universidade Federal da Paraíba – PB. João Pessoa, Brasil, 2022.

FERREIRA, Norma. S. de Almeida. O escritor da pena feiticeira: João Köpke (1852-1926). **Revista Educação e Pesquisa**. volume (44), São Paulo, página 165, 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/SCkf9PthcKpWn4xyvj8w3sz>. Acesso em: 20 mar. 2023.

KOERICH, Karla. Cristina. **Livros de Moraes instrutivas de João Kopke. Indícios das ideias republicanas na reforma da Instrução Pública de Santa Catarina 1910/1918**. (Tese de doutorado). Universidade do Estado de Santa Catarina. Santa Catarina – RS, Brasil, 2020.

KOPKE, João. **A leitura analytica** (Conferência feita a 1 de março de 1896, no Instituto Pedagógico Paulista). São Paulo: Typografia a vapor de Hennies Irmãos, 1896.

KOPKE, João. **Primeiro livro de Leituras, Moraes e Instructivas**. (Série Rangel Pestana.). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1909.

KOPKE, João. **Segundo livro de Leituras, Moraes e Instructivas**. (Série Rangel Pestana). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1911.

KÖPKE, João. **Terceiro Livro de Leituras Morais e Instrutivas**. (Série Rangel Pestana). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1918.

KOPKE, João. **Quarto livro de Leituras, Moraes e Instructivas**. (Série Rangel Pestana). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1928.

JULIA, Duminique. A cultura escolar como objeto historiográfico. Tradução: Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 1, p. 9-44, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2013.

MAGALHÃES, Justino. **Tecendo Nexos: História das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

MORTATTI, Maria. Rosário. Longo. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

PANIZZOLO, Claudia. **João Köpke e a escola republicana: criador de leituras, escritor da modernidade**. Tese de doutorado. Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP, Brasil, 2006.

REIS FILHO, Casemiro dos. **A educação e a ilusão liberal**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1981.

REIS, J. C. **Nouvelle Histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

REIS, José Carlos. **História e Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIO GRANDE DO NORTE. **Regimento Interno dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas do Estado do Rio Grande do Norte**. Directoria Geral da Instrução Publica. Natal: Typ. Commercial J. Pinto & C, 1914.

RIBEIRO, Marlene. Fernandes. **Revista Pedagogium: a associação de professores em ação pelo projeto educativo da Escola Nova no RN (1920-1932)**. Tese (Doutorado) -Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN, Brasil, 2020.

SANTOS, Maria Lígia Cardoso. **Lendo com Hilda: João Köpke – 1902**. 2013. 229f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SILVA, Gilson. Lopes. **História da educação primária na Atenas Norte-Rio-Grandense: das escolas de primeiras letras ao Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia (1829-1929)**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal - RN, Brasil, 2017.

SOUZA, Rosa de Fátima. **Templos de civilização: a implantação da escola graduada no estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Unesp, 1998.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>

Recebido em 11 de janeiro de 2025.

Aprovado em 5 maio de 2025.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, p. 1-29, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.265471>